

## COMUNICAÇÕES: Palestras\*

### "Lugares dos signos" e contextos de informação: a biblioteca como metáfora dos conhecimentos modernos

Palestra proferida por **Regina Maria Marteleto**, doutora em Comunicação, ECO/UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ECO/UFRJ-IBICT/CNPq.

Para desenvolver a temática proposta nessa discussão, tomarei o termo "biblioteca" como uma metáfora, uma figura de linguagem, encerrando nela o sentido e a fisionomia própria dos conhecimentos modernos, da cultura informacional do Ocidente. Biblioteca serve aqui para figurar um lugar demarcado, tão amplo e completo na sua dimensão de abarcar todo o conhecimento, de forma tão extensa e exaustiva, que não haveria outro lugar de interlocução, a não ser o seu próprio espaço sógnico e material, seus estoques e significados: textos sem contexto, a biblioteca total fabulada por Borges, que não remeteria a outro lugar, a não ser a ela própria. "Uma fortaleza de intertextualidade. Plena e sólida enquanto nos interessamos somente pelos comentários críticos da exegese, ela parece vazia e frágil quando procuramos ligar os signos aos mundos que os contornam" (Latour, 1996, p. 23).

Para preencher e dar mobilidade a esse espaço - a biblioteca, o Ocidente formulou uma palavra e um sentido: a informação, elemento que representa aquilo que está disperso nos textos e que, por um processo de gestão e representação, religa os textos em seu simbolismo e materialidade, numa linguagem que os abarca a sua horizontalidade, na sua superfície representacional.

Seguindo a leitura de B. Latour, se concordamos que o lugar-biblioteca é um repositório de signos, não podemos afirmar que a informação seja propriamente um signo:

---

\* Os textos desta palestra e da seguinte fizeram parte do 4º Ciclo de Palestras do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, realizado no segundo semestre de 1996. Os trabalhos foram reproduzidos como enviados pelos autores, refletindo o estilo próprio de cada um.

*"A informação não é um signo, mas uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro tomando-se uma periferia, e o segundo tomando-se um centro, com a condição de que entre os dois circule um veículo que nós chamamos freqüentemente uma forma mas que, para insistir no seu aspecto material, eu chamo de inscrição." (Op cit., p. 24)*

Periferia-centro-inscrição formam assim a tríade informacional, sendo a periferia o objeto a ser estudado por um sujeito - o centro. A inscrição é o ato de representar a periferia, que é realizado pelo centro, ou pelo sujeito conhecedor, distante do lugar onde os objetos têm a sua existência: a natureza, a sociedade, o universo físico. No processo de desenvolvimento dessa forma informacional de conhecer, de entrar em contato com a realidade, muitas mediações se realizam, entre o centro e a periferia. De acordo com B. Latour, é esse contexto ou teia informacional que precisa ser levado em conta, quando se estuda os conhecimentos modernos: a biblioteca, os lugares *de signos*, fazem parte de uma extensa rede através da qual se fabricam os conhecimentos:

*Tanto "os literatos como os cientistas, mas por razões opostas parecem não poder reconhecer ao mesmo tempo o papel dos lugares fechados, onde se elabora o conhecimento, e as redes extensas e violentas, através das quais circulam os fenômenos. Os literatos crêem que a linguagem é livre, e não precisa se referir a nada; os cientistas gostariam de se livrar da penosa interpretação das palavras, para chegar diretamente às coisas. Ora, esses lugares silenciosos, reservados, confortáveis, dispendiosos, onde os leitores escrevem e pensam, se ligam por mil fios ao vasto mundo, do qual eles transformam tanto as dimensões como as propriedades". (Op. cit, p.43-44)*

Essas reflexões, que tomam a biblioteca ou os "lugares fechados" como metáfora para o entendimento da dinâmica moderna de produção da cultura, situam a informação não apenas como um registro ou uma memória, mas ainda enquanto elemento ativo que se elabora nas relações amplas e complexas que se estabelecem entre sujeitos, objetos, instituições, significados.

### A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E OS "LUGARES FECHADOS" DOS SIGNOS

Pela sua conformação disciplinar, a *Ciência da Informação* faz parte do conjunto de disciplinas que se interrogam a respeito dos "materiais discursivos-textuais" (Pêcheux, 1994), guardados nesses "lugares fechados", elaborando maneiras próprias de realizar sua leitura. Lembra Pêcheux que, desde a Idade Média, se estabeleceu uma divisão social do trabalho de leitura desses materiais no meio do clero, quando alguns tinham autoridade sobre os textos lidos, gerando outros materiais discursivos a partir dos documentos e das obras que analisavam, enquanto outros, a maioria, com ... "gestos incansavelmente repetidos (de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação, codificação, etc.) constituem também uma leitura, mas uma leitura impondo ao sujeito leitor seu apagamento através da instituição que o emprega..." (Op.cit., p. 57, grifos do autor). Historicamente, constitui-se um contingente profissional que se dedica à prática silenciosa da leitura desses conjuntos materiais-discursivos, renunciando a toda pretensão de originalidade e combinando-se a um ... "apagamento de si na prática silenciosa de uma leitura consagrada ao serviço de um rei, de um Estado, ou de uma empresa" Esse é, segundo o autor, o trabalho anônimo, fastidioso mas necessário, através do qual os aparelhos de poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva. (Op. Cit., p.57).

É nesse trabalho silencioso, acreditamos, que os estudos da informação têm concentrado o maior dos seus esforços, situando suas questões de investigação nos limites desses lugares fechados, gerando assim cada vez mais estoques informacionais organizados. Parece que nesse século XX, há uma tendência a se reforçar esse ponto de vista administrativo do tratamento dos materiais discursivos-textuais, com a grande oferta de meios tecnológicos de tratamento e disseminação da informação.

Nós, estudiosos das questões informacionais, parecemos estar hoje de acordo sobre a importância da modernização desses modos de tratamento dos textos. Porém, temos sempre discutido o nosso esquecimento em relação ao contexto no qual se inserem as práticas silenciosas de leitura, ainda que automáticas, que se realizam no interior

dos "lugares fechados" da informação.

Seguindo o caminho proposto nessa introdução pelo antropólogo das ciências B. Latour, gostaria então de explorar esse âmbito contextual dos estudos da informação, propondo desenvolver o que denomino de "leitura antropológica da informação", entendo por essa expressão o interesse em enfatizar, nos estudos informacionais, os sujeitos sociais e suas práticas culturais, nos espaços organizacionais nos quais se encontram situados. Para chegar a desenvolver algumas reflexões sobre uma prática de pesquisa com visão antropológica da informação, vou antes situar os estudos da informação no plano daquilo que B.S. Santos denomina de "crise dos conhecimentos modernos."

### CRISE DOS CONHECIMENTOS MODERNOS

Para muitos autores, a crise dos conhecimentos modernos refere-se, em primeiro lugar, à "perda de confiança epistemológica" (Santos, 1995a) que vivenciamos nesse século, gerada pelo desenvolvimento do conhecimento científico e, daí, a suspeita a respeito dos seus fins críticos e humanitários. Porém, o que aqui merece ser ressaltado nessa crise, e que possui diversas chaves analíticas, é a relação conflitual e desigual entre o conhecimento de ordem racional e o conhecimento de senso comum, historicamente tematizada pela filosofia e história das ciências e pela sociologia da cultura e do conhecimento, dentre outras áreas de estudo. Essa relação tortuosa tem incomodado mais as ciências sociais do que as naturais, visto que as primeiras encontram-se mais diretamente envolvidas com os objetos que estudam. P. Bourdieu reafirma a necessidade, para o pesquisador das ciências sociais, de romper com o senso comum, considerando-o como as representações partilhadas por todos... "quer se trate dos simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, freqüentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das instituições e nos cérebros...". O autor utiliza o senso comum no sentido daquilo que está pré-construído, ou que está dado na realidade cotidiana, e com o qual é necessário romper para a construção do conhecimento científico. Importa então ressaltar que o conhecimento de senso comum e o conhecimento científico não são da mesma ordem, e que, para elaborar o segundo,

deve-se provocar uma ruptura com o senso comum, o que não implica, naturalmente, em estabelecer uma hierarquia entre os dois (Bourdieu, 1989, p. 34).

B.S. Santos entende essa questão como uma manifestação da crise da ciência moderna, enfatizando a urgência de uma dupla ruptura epistemológica do conhecimento científico: a) com ele próprio e seus métodos; b) com o conhecimento do senso comum, de modo que sejam reavaliados tanto os métodos de elaboração do conhecimento científico e sua formas de institucionalização, quanto o seu afastamento em relação a outras formas de leitura e entendimento da realidade. A dupla ruptura epistemológica deve ser realizada como um *meio*, e não como um *fim* (Santos, 1995b).

No plano de reconstrução do conhecimento sobre a informação, a dupla ruptura epistemológica, implicaria, em primeiro lugar, o entendimento da questão informacional para além das fronteiras dos “lugares dos signos”, estendendo-se a sua leitura para os espaços sociais de concretização da produção e comunicação dos sentidos. Em segundo lugar, no reconhecimento de formas diferenciadas de geração e apropriação dos conhecimentos, em sua inscrição informacional.

Podemos agora retomar a proposta de uma leitura antropológica da informação, explicitando-a menos como uma nova roupagem interdisciplinar para os estudos informacionais, do que como uma nova agenda de questões onde se colocam como relevantes, na investigação, as teias de sentidos tecidas pelos diferentes atos discursivos de sujeitos em situações concretas de realização, o que significa um deslocamento do foco de estudo da questão informacional, dos lugares fechados para os espaços demarcados das trocas e produções simbólicas. A leitura antropológica da informação apresenta algumas conseqüências metodológicas, que venho catalogando na minha prática de pesquisa, as quais, como encerramento dessa intervenção, passo a enumerar, como pontos para debate:

- a) o emprego de métodos próprios das Ciências Sociais, construídos a partir de uma demarcação disciplinar e correntes teóricas nas quais os caminhos metodológicos encontram-se inscritos. Como empregá-los em outro campo de estudos, sem perder de vista sua inserção disciplinar histórica? Ou suas inscrições, nos termos

de B. Latour?

- b) a associação essencial do fenômeno informacional à sua inscrição textual e ao tratamento gerencial que necessariamente esses conjuntos materiais-discursivos precisam receber. Como ligar os lugares de signos aos contextos de informação?
- c) as implicações teóricas e metodológicas de uma leitura das práticas discursivas como práticas informacionais/comunicacionais nas quais os interlocutores encontram-se diferentemente posicionados, de acordo com o seu lugar social e seus diferentes níveis de competência lingüística e cognitiva. Como reconhecer os conhecimentos produzidos no cotidiano (contexto de senso comum)?
- d) a necessidade de ampliação do entendimento da linguagem, para além do aspecto representacional dos conjuntos textuais, ampliando-se o seu estudo para os atos e condições discursivas, incorporando contribuições de outras tradições disciplinares.

Para encerrar, gostaria ainda de lembrar que a proposta de uma nova agenda de perguntas para a Ciência da Informação, não implica necessariamente em abandonar as questões tradicionais dessa área de estudo, uma vez que se trata de estudar as ligações entre os textos em suas inscrições institucionais - nos lugares fechados - e suas inscrições sociais, culturais e ideológicas.

### BIBLIOGRAFIA

- 1 BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa : Bertrand; Rio de Janeiro : DIFEL, 1989.
- 2 LATOUR, Bruno. Ces réseaux que la raison ignore: laboratories, bibliothèques, collections. In: BARATIN, M. , CHRISTIAN, J. *Le pouvoir des bibliothèques : la mémoire des livres en Occident*. Paris : Albin Michel, 1996. p. 23-46.
- 3 PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Gestos de leitura : da história no discurso*. Campinas : Ed. Da UNICAMP, 1994. p. 55-66.
- 4 SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice : o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo : Cortez, 1995b.
- 5 SANTOS, Boaventura de S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto : Ed. Afrontamento, 1995a.